

A REPRESENTATIVIDADE DAS VARIANTES DIATÓPICAS DE CAMBALHOTA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: O PROJETO ALiB E OS DICIONÁRIOS ESCOLARES DE TIPO 3

THE DIATOPIC VARIANTS REPRESENTATION OF SOMERSAULT IN BRAZILIAN AMAZON: THE ALiB PROJECT AND THE SCHOOL DICTIONARIES TYPE 3

Sheila de Carvalho Pereira Gonçalves¹
Khézia Cristina de Souza²
Karylleila dos Santos Andrade Klinger³

Resumo: O artigo apresentado situa-se no âmbito da Sociolinguística, ramo da Linguística cujo objeto de estudo é a diversidade linguística e da Lexicografia Pedagógica. Nosso objetivo é verificar a representatividade das variantes diatópicas de "cambalhota" em dicionários escolares de tipo 3 considerando-se o levantamento realizado no projeto Atlas Linguístico do Brasil, ALiB. O recorte das nossas análises considerou o campo "jogos e diversões infantis", escolhido aleatoriamente e nossas análises são voltadas, especialmente, para a região denominada Amazônia Brasileira.

Palavras-chave: variação diatópica; dicionário escolar; Projeto ALiB.

Abstract: The present article is situated in the scope of the Sociolinguistic, area of the Linguistic which the objective is to study the linguistic diversity and the Lexicography Pedagogical. Our objective is to verify the representation of the diatopic variation of "somersault" in school dictionaries type 3, considering the survey performed in the Brazilian Linguistic Atlas Project, ALiB. The sample of our analysis considered the "kids games and amusements" field of study, chosen randomly and our analysis are focused, especially, in the Brazilian Amazon region.

Keywords: diatopic variation; school dictionary; ALiB project.

Introdução

¹ Doutora em Análise Linguística pela UNESP. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Estudos da Linguagem PPGEL da Universidade Federal de Goiás, UFG, Regional Catalão. É coordenadora do projeto de pesquisa Dicionário escolar: reflexões e possibilidades. E-mail: sheilacpgoncalves@outlook.com

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu Mestrado em Estudos da Linguagem - Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão (PPGEL/UFG/RC). Bolsista pela Fundação de amparo à pesquisa do estado de Goiás - FAPEG. E-mail: kheziacristina@gmail.com

³ Doutora em Linguística pela USP, professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins, com pós-doutorado pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra/Portugal. Bolsista de produtividade em pesquisa/UFT. E-mail: karylleila@gmail.com

A variação ou a diversidade linguística é um fenômeno natural e uma constatação imediata que acontece em qualquer língua, ou seja, qualquer comunidade caracteriza-se por apresentar diferentes modos de falar e exibe sempre variações. De modo especial, a Amazônia brasileira é um exemplo desse vasto campo de diversidade.

Tomemos as palavras de Meireles Filho (2004, p.22) que afirma: “Toda vez que alguém pergunta qual a principal riqueza material do Brasil, a Amazônia é quase sempre a primeira menção. Nesse sentido, pode-se dizer que a Amazônia é mais falada que conhecida, é mais discutida que vivida, mais mito que realidade”. Dessa forma, podemos depreender que a Amazônia ainda é um local que urge por estudos que compreendam, de fato, a sua diversidade tanto cultural, social e linguística.

Especialmente em relação aos estudos linguísticos, faz-se necessário ressaltar que a língua é um instrumento que permite ao homem refletir, expressar-se e criar a sua realidade e a Sociolinguística, segundo Mollica (2008, p.10), é a ciência que "considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos sócio-culturais a comunidades maiores." Paraphrasing Mollica (2008), se cada comunidade linguística apresentasse comportamentos linguísticos idênticos, a Sociolinguística não teria razão de existir. Assim, para a Sociolinguística, a língua em uso mantém íntima relação com as questões sociais e, no caso específico da Amazônia (assim como em qualquer comunidade), as marcas linguísticas estão presentes em diversos aspectos, tais como, morfológicos, sintáticos e lexicais.

Este estudo considera, de um lado, os dicionários escolares e os toma como importante produto linguístico que está ao alcance do aluno em sala de aula e, de outro, os dados colhidos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, doravante ALiB. Vale ressaltar que o ALiB é considerado um grande empreendimento nacional, fundamentado nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea que prioriza a variação espacial ou diatópica e os dados coletados para a sua elaboração têm contribuído para a descrição do léxico das diferentes regiões do país.

O ALiB (ainda em desenvolvimento), já realizou a “documentação, *in loco*, de 1.100 informantes moradores de 250 localidades, distribuídas de Oiapoque (ponto 001) a Chuí (ponto 250)” (Cardoso et al., 2015, p. 10). Sobre esses informantes, o ALiB acrescenta:

Do ponto de vista sociolinguístico, o *Atlas linguístico do Brasil* contempla as variáveis idade, sexo, escolaridade e naturalidade, definidas como base da constituição do corpo de informantes em cada capital. Assim, dos 200 informantes registrados no total das 25 capitais, 100 são do sexo masculino e 100 do sexo feminino, número que se repete para a escolaridade de nível fundamental e de nível universitário. No que concerne às

faixas etárias, distribuem-se, de forma equitativa, do seguinte modo: 50 informantes da faixa etária I – 18 a 30 anos – e 50 informantes da faixa etária II – 50 a 65 anos –, em cada um dos dois grupos citados. (CARDOSO et al., 2015b, p. 27)

No que se refere ao dicionário escolar, a nosso ver, ele é um produto interdisciplinar que registra o léxico, oferece diversas informações sobre a língua ao seu consulente, além de fazer parte do contexto escolar de alunos e professores. Sobre essas obras, sabemos que foram incluídas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação e Cultura (MEC), PNLD/MEC, no ano 2000 e vem sendo, desde então, objeto de inúmeras reflexões.

O PNLD/MEC propôs, em 2012, a divisão dos dicionários escolares em tipos (1,2,3 e 4) cada um com características próprias, objetivando que cada etapa de ensino fosse atendida com uma obra desenvolvida especialmente para ela.

A seguinte divisão foi proposta: dicionários de tipo 1: desenvolvidos para alunos que cursam o 1º ano do ensino Fundamental, possuem um número mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes e proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização inicial, dicionários de tipo 2: desenvolvidos para alunos que cursam do 2º ao 5º anos do ensino Fundamental, possuem um mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes e proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário, dicionários de tipo 3: desenvolvidos para alunos que cursam do 6º ao 9º anos do ensino Fundamental, possuem um número mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes e proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, adequada a alunos dos últimos anos do ensino Fundamental, dicionários de tipo 4: obras destinadas a alunos que cursam do 1º ao 3º anos do ensino Médio, possuem um mínimo de 40.000 e máximo de 100.000 verbetes e proposta lexicográfica própria de dicionário padrão de uso escolar, adequada às demandas escolares do ensino Médio, inclusive o profissionalizante.⁴

Nossa pesquisa tem como objetivo verificar a representatividade das variantes de "cambalhota" em dicionários escolares de tipo 3 considerando-se o levantamento realizado no projeto ALiB. O recorte das nossas análises considerou o campo "jogos e diversões infantis", escolhido aleatoriamente e nossas análises são voltadas, especialmente, para a região denominada Amazônia brasileira.

⁴ Informação retirada do texto "Com direito à palavra: dicionários em sala de aula", conforme distribuição dos acervos propostos pelo PNLD 2012. (BRASIL, 2012, p. 19)

Nosso *corpus* consta dos seguintes dicionários de tipo 3 e das seguintes cartas semântico-lexicais: **Dicionários:** FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua Portuguesa*. 2.ed. Curitiba: Positivo, 2011; GEISER, Paulo (Org.). *Caldas Aulete - minidicionário contemporâneo da língua Portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011; SARAIVA, Kandy S. de Almeida & OLIVEIRA, Rogério Carlos G. de. *Saraiva jovem; dicionário da língua Portuguesa ilustrado*. São Paulo: Saraiva, 2010; BECHARA, Evanildo (Org.). *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras*. 3.ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2011; RAMOS, Rogério de Araújo (ed.resp.). *Dicionário didático de língua Portuguesa*. 2.ed. São Paulo: SM, 2011; **cartas semântico-lexicais:** L17 e L17a, intituladas "cambalhota", que constam no projeto ALiB.

Dessa forma, este texto está assim organizado: primeiro, apresentaremos nossa fundamentação teórica tecendo considerações sobre léxico e variação diatópica em dicionários escolares. Logo após, descreveremos a metodologia por nós adotada, seguida de nossas análises que se iniciarão com uma breve explanação do tratamento dado à variação diatópica nas obras que compõem o nosso *corpus* e a transcrição dos verbetes que representam as variantes de "cambalhota". Finalmente, as considerações finais e as referências bibliográficas.

1. Fundamentação teórica: Léxico e variação diatópica em dicionários escolares

Para Biderman (2001), o léxico está em constante evolução. Fato que, inclusive, para a autora, impede os lexicógrafos de registrarem todos os vocábulos e suas acepções pertencentes a uma determinada língua.

De acordo com Biderman:

O Léxico é um sistema aberto e em expansão. Incessantemente novas criações são incorporadas ao léxico. Só existe uma possibilidade para um sistema lexical para se cristalizar: a morte da língua. Foi o que sucedeu ao latim. Se a língua, porém, continuar a existir como meio de comunicação oral (e também escrito), seu léxico se ampliará sempre. Por essa razão, não se poderá censurar em demasia os lexicógrafos se os seus dicionários não registrarem todos os vocábulos e significados que estão em uso na língua, pois tal obra é praticamente inexequível (BIDERMAN, 2001, p. 203)

Além disso, sabemos que, em qualquer comunidade linguística, é evidente a presença da variação. As variedades linguísticas, objeto da Sociolinguística, são relacionadas a fatores como origem geográfica, idade, sexo, entre outros.

Especialmente em relação ao Brasil, sabemos que o seu amplo território possui apenas uma língua oficial, o que, evidentemente, contribui para uma diversidade de hábitos religiosos, culturais, artísticos, religiosos, etc. Nesse sentido, é importante destacar que essa diversidade implica marcas que são deixadas no léxico, por influência de outros idiomas. Essas influências manifestam-se, por exemplo, em construções sintáticas, em nomes diferentes dados a um mesmo objeto, dentre outras.

Dessa forma, torna-se especialmente importante estudos científicos que sirvam de apoio a lexicógrafos durante a confecção de dicionários. Para Isquierdo (2007, p.201):

Essas considerações acerca da inserção de marcas dialetais num dicionário de língua ratificam a necessidade de estudos universitários, de pesquisas de campo e de elaboração de atlas linguísticos que documentem e analisem a norma lexical do português do Brasil, de maneira a se produzirem fontes confiáveis que possam subsidiar os lexicógrafos na árdua tarefa de classificar um fato linguístico como regional.(ISQUERDO, 2007, p. 201)

No que tange à variação linguística no dicionário escolar, Rey-Debove (1971) acrescenta que a língua descrita em um dicionário nunca é perfeitamente homogênea podendo ser marcas relacionadas a variações espaciais, temporais, sociais.

Lara (1997, p.107) complementa:

O dicionário materializa uma parte muito importante da memória social da língua, isto é, deixa ver como - quando uma comunidade linguística começa a reconhecer-se a si mesma em sua história e em sua pluralidade - ela procede a construir uma memória de suas experiências significativas que certamente se guarda em textos e em relatos dos mais diversos tipos [...] essa memória se converte em um dos meios principais para que haja condições de entendimento entre os membros da comunidade linguística, o que dá coesão às sociedades e protege sua cultura.(LARA, 1997, p.107)

Pontes (2009, p.154) afirma que as "marcas lexicográficas já fazem parte essencial da produção lexicográfica moderna." Para o referido autor, a "marcação cumpre uma função fundamental: a de caracterizar um elemento léxico, assinalando suas restrições e condições de uso e tem sua expressão no emprego de diferentes tipos de marcas lexicográficas." (PONTES, 2009, p. 155).

Pontes (2009, p.156) afirma que as marcas sociolinguisticamente, definem-se como familiar (fam.), popular (pop.), literária (lit.), chulo (ch.), figurado (fig.), regionalismos (reg.) e ainda aquelas que dizem respeito aos empregos especializados de determinadas palavras, tais como medicina (med.), biologia (bio.), sociologia (soc.), gramática (gram.), dentre outras.

Strechler, citado em Pontes (2009, p. 156) classifica as marcas lexicográficas em: temporais, geográficas, estilísticas, marcas de frequência, marcas de linguagem de especialidade e de avaliação. Já as marcas geográficas são "indicações que aludem a países (bras. ou lus.), regiões (Ne) e inclusive estados (Bahia/Ba)".

Welker (2004, p.131) cita Hausmann (1977, p.112) e divide as marcas da seguinte maneira:

Diacrônicas (por exemplo, antiquado, envelhecido, neologismo), diatópicas (aplicadas a acepções restritas a certas regiões ou países), diaintegrativas (usadas para assinalar estrangeirismos), diamedais (diferenciam entre as linguagens oral e escrita), diastráticas (por exemplo, chulo, familiar, coloquial, elevado), diafásicas (diferenciam entre as linguagens formal e informal), diatextuais (assinalam que o lexema- ou acepção- é restrito a determinado gênero textual; por exemplo, poético, literário, jornalístico), diatécnicas (informam que a acepção pertence a uma linguagem técnica, a um tecnoleto), diafrequentés (em geral: raro, muito raro), diaevaluativas (mostram que o falante, ao usar o lexema, revela certa atitude; por exemplo, pejorativo, eufemismo), dianormativas (indicam que o uso de certa acepção - ou lexema - é errado pelas normas da língua padrão).

Welker (2004, p.133) também comenta sobre as dificuldades e dilemas enfrentados pelos dicionaristas e refere-se à Borba (2003) que reconhece que essas dificuldades se dão principalmente pela "falta de levantamento (oral e escrito)."

Fariñas (2001, p.15) afirma que as marcas de uso em dicionários escolares são imprescindíveis, pois é, por meio dela que o "lexicógrafo pode incluir o uso real da língua em uma obra eminentemente prescritiva." O autor (FARIÑAS, 2001) complementa que os consulentes devem ser orientados a localizar essas marcas e, para tanto, os dicionários "deverão incluir, em sua parte introdutória comentários completos indicando para que sevem as notas de uso utilizadas, além de, através de exemplos ilustrativos, determinar o lugar onde se encontram no interior do verbete." (FARIÑAS, 2001, p.15).

No âmbito deste trabalho, adotaremos o conceito de variação adotado por Alkmin (2012, p.36), que está dividido em dois princípios básicos: "a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática)". As especificações das duas podem ser descritas como:

A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. [...] A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade da fala. Nesse sentido, podemos apontar os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social: a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social. (ALKMIN, 2012, p. 36-37)

Faz-se necessário, ainda, esclarecer que, para nós, o registro das marcas em um dicionário escolar são de suma importância, além das orientações ao aluno consulente de como serão tratadas ao longo do dicionário e, nesse sentido, o projeto ALiB é um marco na linguística contemporânea, que sem dúvida auxiliará lexicógrafos e dicionaristas na elaboração de suas obras, pois, dentre outros objetivos, descreve a realidade linguística no que se refere à língua Portuguesa.

A seguir, nossa metodologia.

2. Metodologia de nossa pesquisa: a construção do *corpus*

Segundo Berber-Sardinha (2004, p. 18), *corpus* é

um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computadores, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise. (BERBER-SARDINHA, 2004, p.18)

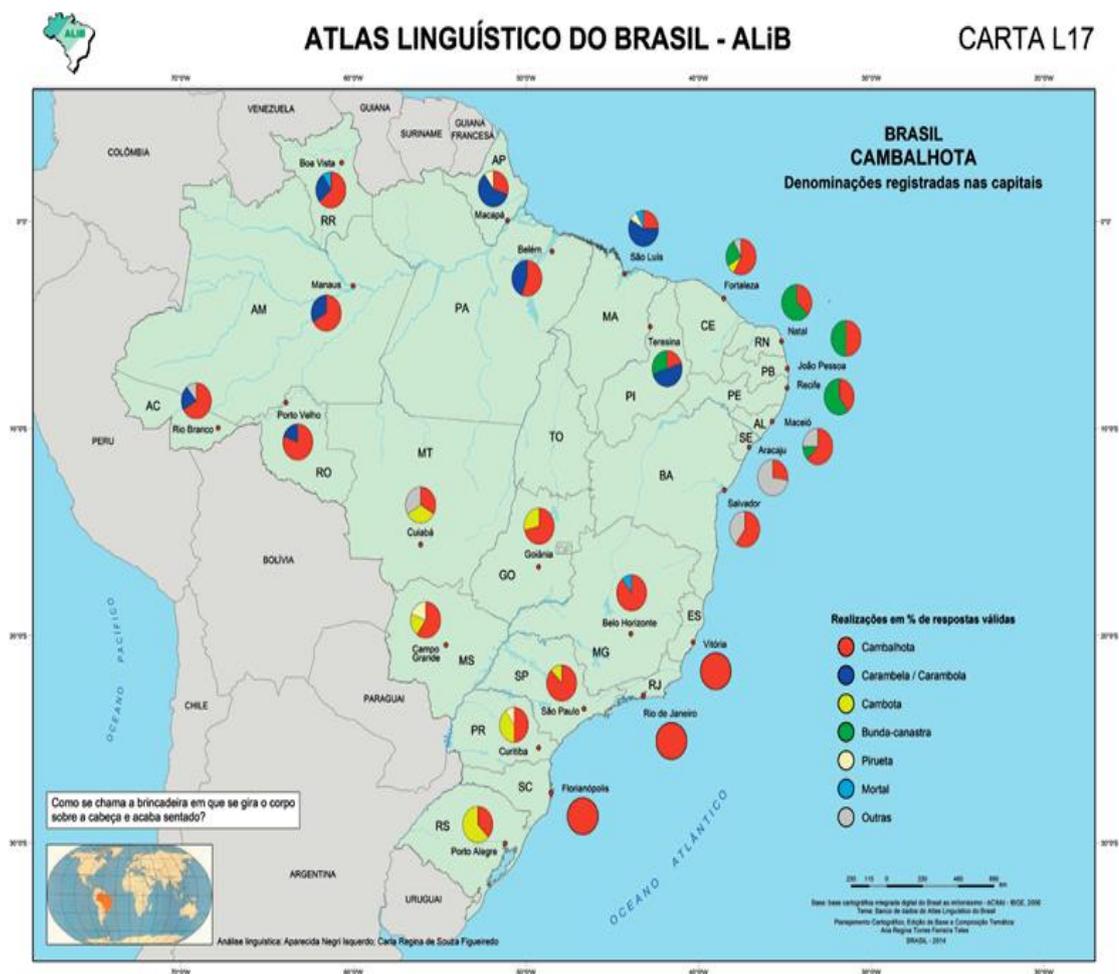
Para a realização deste trabalho, adotamos o conceito de *corpus* proposto por Berber-Sardinha (2004, p.18) e tomamos como ponto de partida a lista de nomes de dicionários avaliados e indicados pelo PNLD/MEC 2012, especialmente os de tipo 3, a saber: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua Portuguesa*. 2.ed. Curitiba: Positivo, 2011; GEISER, Paulo (Org.). *Caldas Aulete - minidicionário contemporâneo da língua Portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011; SARAIVA, Kandy S. de Almeida & OLIVEIRA, Rogério Carlos G. de. *Saraiva jovem; dicionário da língua Portuguesa ilustrado*. São Paulo: Saraiva, 2010; BECHARA, Evanildo (Org.). *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras*. 3.ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2011; RAMOS, Rogério de Araújo (ed.resp.). *Dicionário didático de língua Portuguesa*. 2.ed. São Paulo: SM, 2011.

Em seguida, selecionamos, aleatoriamente, a temática de "jogos e diversões infantis" e, a partir de nossa escolha, as cartas semântico-lexicais L17 e L17a, intituladas "cambalhota", que constam no projeto ALiB, pormenorizadas a seguir. A primeira evidencia a distribuição

geral das variantes de "cambalhota" nas capitais brasileiras e a segunda trata das denominações registradas especialmente nas capitais da região Norte.

Vale ressaltar que, de acordo com essas cartas, a pergunta feita aos informantes foi “Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?”. (CARDOSO et al., 2015b, p. 261)

Carta L17:



261

Fonte: Cardoso et al. (2015b, p. 261)

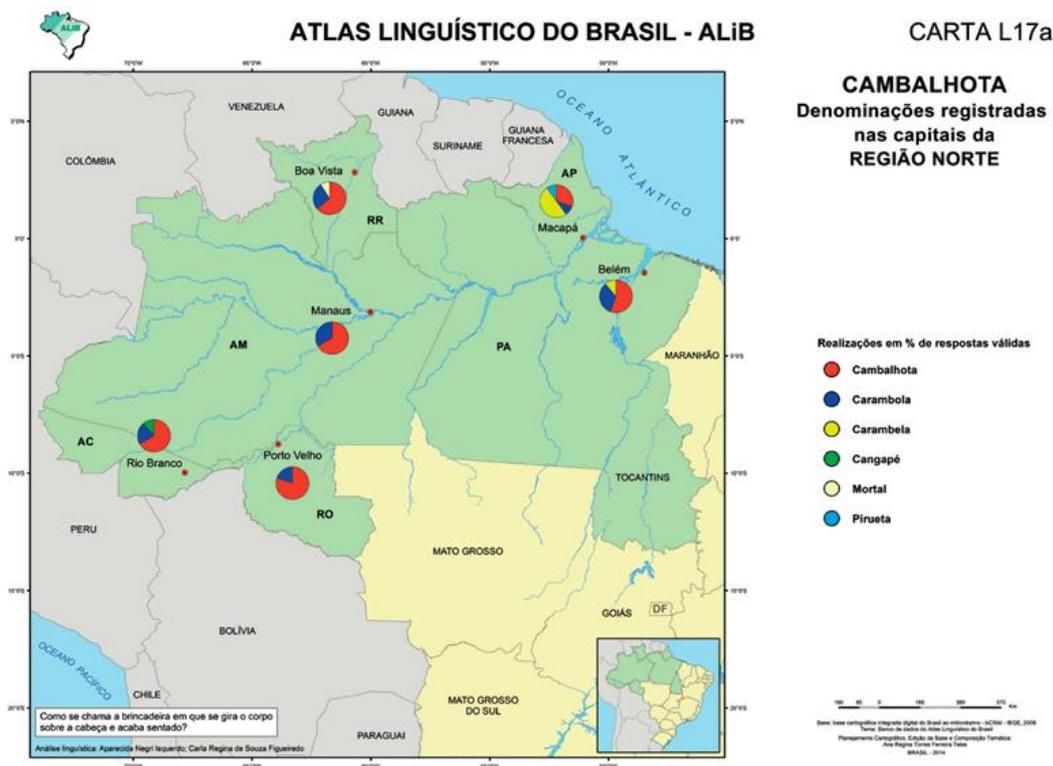
De acordo com a carta L17, as denominações registradas nas capitais brasileiras são: “cambalhota, carambola/carambola, cambota, bunda-canastra, pirueta, mortal” e outras”. Dessa carta, depreendemos que a variante “cambalhota” é registrada em todas as capitais do país. Já as formas “carambola/carambola” são encontradas em Porto Velho, Rio Branco, Manaus, Teresina, São Luiz, Belém, Boa Vista e Macapá. “Cambota” está presente em Porto

Alegre, Curitiba, São Paulo, Campo Grande, Goiânia, Cuiabá, Fortaleza. A variante “bunda-canastra” é utilizada em Fortaleza, Natal, Teresina, João Pessoa, Recife, Maceió. A forma “pirueta” existe em Curitiba, Campo Grande e Macapá. Já “mortal” está presente em Belo Horizonte, São Luís, e Boa Vista. Os itens agrupados em “outras”, ou seja, “aú, cabriola, cambona, cangapé e virar/virando perereca” estão distribuídos ao longo do país nas capitais Salvador, Aracaju, Maceió, Fortaleza, Cuiabá e Rio Branco.

O ALiB também registra, na seção intitulada "Notas", as seguintes informações sobre as variantes de cambalhota encontradas ao longo das capitais do país:

Para o item lexical *cambalhota* foram registradas as seguintes variantes fonéticas: *calambota*, *calhambota*, *cambaióta*, *carambilhota*, *carambiota*, *carambota*. Houve 33 ocorrências da forma *cambalhota* na Região Norte, 38 na Nordeste, 14 na Centro-Oeste, 31 na Sudeste e 16 na Sul. Para *bunda-canastra*, presente, apenas na Região Nordeste, documentaram-se, também, *bunda-canasca*, *bunda-canástica*, e *bunda-canasta*. A primeira foi proferida três vezes; a segunda, 11 vezes; a terceira, sete vezes; e a quarta, uma vez. *Cambota* reúne as variantes fonéticas *cambote*, *cambotiá*, *camboteia*, *cambotiada* e *virar cambota* e representa a segunda variante lexical mais produtiva tanto na Região Sul (nove ocorrências) quanto na Região Centro-Oeste (seis ocorrências). Também foi mencionada uma vez em Fortaleza (CE) e uma em São Paulo (SP). *Carambola* e suas variantes *calambola* e *carambiola* representam o segundo grupo mais recorrente da Região Norte, com 14 registros, tendo ocorrido, também, duas vezes na Região Nordeste, em Teresina (PI). Já a forma *carambela* aparece seis vezes na Região Norte e nove na Nordeste. Houve, ainda, um registro de *carambela* na Região Nordeste. Foram agrupadas ao item OUTRAS as variantes *aú*, *cabriola*, *cambona*, *cangapé* e *virar/virando perereca*. (CARDOSO et al., 2015b, p. 260, grifos dos autores).

Carta L17a:



263

Fonte: Cardoso et al. (2015b, p. 263)

A carta L17a, conforme afirmamos, trata das denominações de "cambalhota" registradas apenas nas capitais da região Norte, foco principal desta pesquisa. Especialmente no que diz respeito a essa região, de acordo com o ALiB (CARDOSO et al., 2015b), cada capital contou com 8 informantes, totalizando 48 informantes. Acerca de informações das variantes dessa região, o ALiB esclarece:

Houve 33 ocorrências da forma *cambalhota* na Região Norte. [...] *Carambola* e suas variantes *calambola* e *carambiola* representam o segundo grupo mais recorrente na Região Norte, com 14 registros. [...] Já a forma *carambela* aparece seis vezes na Região Norte. (CARDOSO et al. 2015b, p. 260)

O ALiB (2015) registra também as seguintes informações sobre Rio Branco (AC):

O informante masculino, faixa etária II, de nível de escolaridade fundamental (Inf. 3), respondeu *carambola* e *cangapé*. INQ.: Como é que o Senhor chama aquela brincadeira que a criança, ela gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? Ela faz assim... ela gira. INF.: Eu chamo *carambola*, *cangapé*. É o que a gente chama: *carambola*, *cangapé*. (CARDOSO et al., 2015b, p. 262)

Da carta L171a, é possível depreendermos que as variantes encontradas na Região Norte são: “cambalhota, carambola, carambela, cangapé, mortal e pirueta. Em Boa Vista, estão presentes “cambalhota, carambola e mortal”. Em Macapá, foram registradas as formas de “carambela, pirueta, cambalhota e carambola”. Em Belém, “cambalhota, carambola e carambela”. Em Manaus e Porto Velho, foram encontradas “cambalhota e carambola”. Já em Rio Branco, estão presentes “cambalhota, carambola e cangapé”.

Contrapondo as variantes encontradas na região Norte com as variantes encontradas nas capitais de todo o Brasil, é possível observarmos que a região Norte não apresenta as formas: “bunda-canastra, aú, cambota, cabriola, cambona e virar/virando perereca”.

Dessa forma, no âmbito deste trabalho, selecionaremos as seguintes variantes para compor a representatividade da região Norte: “cambalhota, carambola, carambela, cangapé, mortal e pirueta”. A seguir, nossas análises que se iniciarão com uma breve explanação do tratamento dado à variação diatópica nas obras que compõem o nosso *corpus*, seguida da transcrição dos verbetes. Vale ressaltar que os verbetes foram transcritos *ipsis litteris*, ou seja, da forma como foram registrados nas obras.

3. NOSSAS ANÁLISES: a representatividade das variantes de "cambalhota" em dicionários escolares de tipo 3

3.1 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua Portuguesa*. 2.ed. Curitiba: Positivo, 2011

O *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua Portuguesa* (2011) aborda nas páginas iniciais, no texto intitulado "Chave do dicionário", o tratamento que dará à variação diatópica.

O autor esclarece:

A **rubrica**, em itálico, indica a área do conhecimento em que a palavra é usada com tal significado. As áreas podem ser *Ciências naturais, Matemática, Geografia, Tecnologia*, entre outras. A rubrica também pode referir-se ao uso ou ao nível de linguagem em que as palavras são usadas, como *Gíria, Figurado, Depreciativo*, etc. Pode ainda especificar uma região geográfica, no caso dos regionalismos, por exemplo, *Brasileirismo, Minas Gerais e Sergipe*. (FERREIRA, 2011, p.10, grifos do autor)

Reafirmamos a importância de se esclarecer ao aluno consulente as informações relativas ao tratamento que será dado as marcas lexicográficas. O *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua Portuguesa* (2011) afirma que a obra “pode” especificar uma região

geográfica, ou seja, não se compromete a especificar quais as regiões do país pretende registrar ao longo do dicionário. Há, ainda, a nosso ver, o não esclarecimento do que seria um "Brasileirismo", inclusive, da maneira como foi citado pelo autor leva a uma interpretação equivocada, uma vez que está na sequência de determinadas regiões do país. Vale lembrar que o público-alvo dessas obras são alunos que cursam do 6º ao 9º anos do ensino Fundamental.

Abaixo, apresentamos a transcrição dos verbetes, seguidas de nossas análises:

cam.ba.lho.ta *subst. fem.* Movimento em que se gira o corpo sobre a cabeça e se volta à posição normal; cabriola.

Fonte: Ferreira (2011, p. 172)

ca.ram.bo.la¹ *subst. fem.* **1.** Bola vermelha do bilhar. **2.** Embate de uma bola de bilhar sobre outras duas, sucessivamente.

Fonte: Ferreira (2011, p. 181)

ca.ram.bo.la² *subst. fem.* **1.** O fruto, comestível, da caramboleira.

Fonte: Ferreira (2011, p. 181)

mor.tal *adj.* **2** *gên.* **1.** Sujeito à morte. **2.** Que a produz; mortífero, letal. **3.** Molesto ao extremo. **4.** Efêmero, passageiro. **5.** Figadal, encarniçado: *ódio mortal*. • *subst. masc.* **6.** O ser humano. [Antônimo de 1: *imortal*. Plural: *mortais*.]

Fonte: Ferreira (2011, p. 607)

pi.ru.e.ta (ê) *subst. fem.* **1.** Rodopio sobre um pé. **2.** Veja *pinote* (2).

Fonte: Ferreira (2011, p. 68)

Carambola, Cangapé: Nada Consta

O *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua Portuguesa* (2011) apresenta a definição de “cambalhota” mencionada no ALiB, isto é, o “movimento em que se gira o corpo sobre a cabeça e se volta à posição normal”, seguida de “cabriola” como sinônimo, sem definir a região geográfica. Conforme afirmamos anteriormente, “cabriola” foi citada na carta L17, nos itens agrupados em “outros” e não é registrada na região Norte.

Em “carambola”, a obra optou por registrar duas entradas distintas, mas nenhuma relacionada à brincadeira: carambola¹, o dicionário refere-se à bola vermelha de bilhar e, na acepção 2, o embate dessas bolas; em carambola², “o fruto da caramboleira”. “Carambola” e “cangapé” não foram registrados e “Mortal”, variante, segundo o ALiB utilizada em Boa Vista, também não faz qualquer referência à brincadeira.

3.2 GEISER, Paulo (Org.). *Caldas Aulete - minidicionário contemporâneo da língua Portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011

Nas páginas iniciais do *Caldas Aulete - minidicionário contemporâneo da língua Portuguesa* (2011), no texto “Como usar o dicionário”, o autor informa:

12) Indicação de contexto: A boa percepção do uso de um vocábulo em determinada acepção está muitas vezes ligada à identificação do contexto em que esse uso se verifica. Este dicionário abunda na localização desses contextos, divididos em três grandes grupos, em sua ordem hierárquica: a) regionalismo: indica quando a acepção é restrita a ou mais frequente em determinada área geográfica, ou dela originária (especialmente estados e regiões do Brasil, ou o Brasil no contexto da lusofonia); b) nível de uso da língua: indica em que contexto (familiar, social, cronológico etc.) a acepção tem curso, como, por exemplo, se é assim usada no âmbito da família (*Fam.*), se é pouco usada (*P.us*), se é de uso popular (*Pop.*), se é de uso pouco recomendável por ser chula (*Tabu.*) etc.; c) rubrica: indica em que área disciplinar, profissional, científica etc. o vocábulo tem tal acepção, como a astronomia, a física, a medicina, as artes plásticas etc. Todas essas indicações podem constar dentro de uma acepção, quando restritas a ela, ou no início do verbete, quando se referem a todas as acepções. São grafadas em abreviações, em itálico, com inicial maiúscula e seguidas de ponto. A lista das respectivas abreviações consta nas listas de rubricas e de usos de regionalismos. (GEISER, 2011, p. XII, grifos do autor)

Importante esclarecer que o dicionário afirma que "abunda na localização dos contextos", entretanto, não esclarece o que de fato isso significa e complementa que os dividirá em grupos e em ordem hierárquica; (a) regionalismo; b) nível de uso da língua e c) rubrica; levando-nos a entender que uma informação terá prioridade sobre a outra. Fato que questionamos ser pertinente a um dicionário escolar, ou seja, tratar as variantes utilizadas nas diversas regiões do país a partir de uma ordem hierárquica. Abaixo, seguem as transcrições dos verbetes e nossas análises:

cambalhota (cam.ba.lho.ta) *sf.* Movimento em que se gira o corpo sobre a própria cabeça, apoiando ou não as mãos no chão ou em qualquer superfície sólida; CAMBOTA; CABRIOLA. [F.: Posv. de *cambalear.*]

Fonte: Geiger (2011, p. 145)

carambola¹ (ca.ram.bo.la) *sf.* Fruto da caramboleira, amarelo e de sabor ácido.

Fonte: Geiger (2011, p. 153)

carambola² (ca.ram.bo.la) *sf.* **1** Bola vermelha de bilhar. **2** Toque da bola (1) de bilhar em duas outras em sequência.

Fonte: Geiger (2011, p. 153)

mortal (mor.tal) **a2g.** **1** Que está sujeito a morte: *Somos todos criaturas mortais.* **2** Que causa a morte (*golpe mortal*); MORTÍFERO. **3** Encarniçado (*combate mortal*). **sm.** **4** O ser humano: *Os deuses do Olimpo relacionavam-se com os mortais.* [Pl.: -tais.] [F.: Do lat. *mortalis, e.*]

Fonte: Geiger (2011, p. 599)

pirueta (pi.ru:e.ta) [ê] *sf.* **1** Giro em torno de si mesmo sobre um dos pés. **2** Cambalhota no ar. • **pi.ru:e.tar** v. [F.: Do fr. *pirouette.*]

Fonte: Geiger (2011, p. 679)

Carambela, Cangapé: Nada consta

Em “cambalhota”, o dicionário registra a acepção de brincadeira em que se gira o corpo, documentado no AliB. Além disso, aponta “cambota” e “cabriola” como sinônimos. Acrescentamos que nenhuma das opções apresentadas como sinônimas pelo dicionário são registradas na região Norte. “Cambota” é uma variante presente em Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Campo Grande, Goiânia, Cuiabá, Fortaleza e “Cabriola” está agrupada no item “Outras”, juntamente com “aú, cambona, cangapé e virar/virando perereca” e está distribuída ao longo do país nas capitais Salvador, Aracaju, Maceió, Fortaleza, Cuiabá e Rio Branco.

Ao procurarmos por “carambola”, encontramos duas entradas, assim como no *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua Portuguesa* (2011), sendo uma para o fruto da caramboleira e a outra referindo-se ao jogo de bilhar. “Carambela” e “cangapé” não foram registradas na obra e em “Mortal” não encontramos nenhuma acepção que faça referência à brincadeira em que se gira o corpo, utilizada especialmente em Boa Vista.

Em “pirueta” não há qualquer marca lexicográfica. Segundo o ALiB, essa variante é registrada em Macapá. No dicionário, há apenas os seguintes registros: “1. giro em torno de si mesmo sobre um dos pés” e “2. cambalhota no ar”, ou seja, acepções relacionadas à brincadeiras.

3.3 SARAIVA, Kandy S. de Almeida & OLIVEIRA, Rogério Carlos G. de. *Saraiva jovem; dicionário da língua Portuguesa ilustrado*. São Paulo: Saraiva, 2010

O *Saraiva Jovem; Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado* (2010), da Editora Saraiva, trata os critérios para o registro da variação diatópica, como pode ser visto nas informações abaixo, encontradas no texto “Conhecendo o dicionário”:

Indicação da área de conhecimento: palavras em diferentes áreas de conhecimento, como Informática, Esporte, Mecânica, Política, Música, Cinema etc., têm a indicação dessas áreas no início da acepção. **Indicação dos diferentes níveis de formalidade ou expressividade:** há referência quando a palavra for gíria ou utilizada em linguagem popular, figurada, familiar, vulgar, chula ou, ainda, se for um brasileirismo, isto é, própria da língua portuguesa falada no Brasil. **Regionalismos:** as palavras ou locuções usadas em determinadas regiões do país são encontradas no dicionário. (SARAIVA; OLIVEIRA, 2010, p. XVII, grifos dos autores)

Vale ressaltar que o *Saraiva Jovem* afirma que “Brasileirismo” é uma palavra própria da língua portuguesa falada no Brasil e, segundo os autores, essa marca está inclusa nos diferentes níveis de formalidade ou expressividade. Ainda segundo esta obra, os

"Regionalismos" são as "palavras ou locuções usadas em determinadas regiões do país". Novamente não há o registro de quais regiões o dicionário pretende contemplar.

Abaixo a transcrição dos verbetes:

cambalhota (cam.ba.lho.ta) *sf* **1.** Movimento em que a pessoa, com ou sem apoio, gira o corpo, fazendo os pés passarem por cima da cabeça (*No final do espetáculo, o palhaço deu duas cambalhotas e parou de pé, esperando os aplausos.*); **2.** *fig* mudança repentina de uma situação; reviravolta (*Depois que voltou a estudar, a vida dele deu uma cambalhota: arranjou novos amigos e até uma namorada.*). *Sin na acep 1 cambota.*

Fonte: Saraiva; Oliveira (2010, p. 166)

carambola (ca.ram.bo.la) *sf* **1.** Fruto amarelado de sabor ácido que, devido à forma dos gomos, parece uma estrela de cinco pontas quando cortada (*A carambola é o fruto da caramboleira.*); **2.** a bola vermelha, no jogo de bilhar; **3.** no jogo de bilhar, jogada em que se atingem duas bolas com uma só tacada.

Fonte: Saraiva; Oliveira (2010, p. 178)

mortal (mor.tal) *adj 2 gêns* **1.** Sujeito à morte, que pode morrer (*Somos seres mortais.*); **2.** que provoca a morte; letal, mortífero (*veneno mortal; golpe mortal*); **3.** relativo a pessoa morta (*restos mortais*); **4.** *fig* que está enraizado; que não se consegue aplacar (*ódio mortal*); **5.** (*tb. us no pl*) o ser humano (*“— Por que tentais os céus dessa maneira? Os mortais deveriam mostrar medo, quando os deuses potentes nos enviam sinais terríveis.”*, Júlio César, *William Shakespeare.*). *Pl mortais.*

Fonte: Saraiva; Oliveira (2010, p. 750)

pirueta (pi.ru.e.ta) (ê) *sf* **1.** Volta em torno de si mesmo sobre apenas um pé (*As piruetas da bailarina encantavam a plateia.*); **2.** manobra feita com avião, como uma cambalhota no ar.

Fonte: Saraiva; Oliveira (2010, p. 887)

Carambela, Cangapé: Nada consta

Podemos perceber que, na acepção 1 de "cambalhota", o *Saraiva Jovem; Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado* (2010) registra a brincadeira em que se gira o corpo e, ao final do verbete, apresenta o sinônimo “cambota” que não é registrado em nenhuma região do Norte do país. Em “carambola”, diferenciando-se das obras anteriores, o autor optou por registrar apenas uma entrada e três acepções que se referem também ao fruto da caramboleira, à bola vermelha do jogo de bilhar e às suas características. "Carambela" e “cangapé” não foram registradas na obra. "Mortal" não faz referência à brincadeira. Já "Pirueta", na acepção 1, menciona "volta em torno de si mesmo sobre apenas um pé".

3.4 BECHARA, Evanildo (Org.). *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras*. 3.ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2011

O *Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras* (2011), da Companhia Editora Nacional, também estabelece critérios para o registro da variação diatópica. Eles estão descritos no texto “Como usar este dicionário”:

Após a indicação de classe gramatical, podem-se encontrar três tipos de especificação do contexto em que a palavra é normalmente utilizada: **regionalismo** (*reg.*), usado no caso da palavra ou acepção que não é utilizada em todo o território nacional, **nível de uso** (*coloq., chulo* etc.) ou **área de conhecimento** (*Med., Quím.* etc.). Essas especificações podem também aparecer após o número, quando se referem apenas a uma acepção. (BECHARA, 2011, p. 77, grifos do autor)

O dicionário afirma que trabalhará com três tipos de contexto (regionalismo; nível de uso e área de conhecimento). Segundo o autor, "Regionalismo (*reg.*), quando se tratar de uma palavra ou acepção que não é utilizada em todo o território nacional". Dessa forma, depreendemos que as diversas regiões do país serão contempladas e essa marcação será utilizada, quando determinada palavra ou acepção não for própria de todo o território nacional. Abaixo, apresentamos a transcrição dos verbetes e nossas análises:

cambalhota [ó] (*cam.ba.lho.ta*) *s.f.* Volta que se dá com o corpo, girando-o por sobre a cabeça e caindo-se, em pé, com as pernas para o outro lado.

Fonte: Bechara (2011, p. 253)

carambola¹ [ó] (*ca.ram.bo.la*) *s.f.* Fruto da caramboleira, de cor amarela e sabor acidulado.

Fonte: Bechara (2011, p. 266)

carambola² [ó] (*ca.ram.bo.la*) *s.f.* **1.** A bola vermelha do bilhar. **2.** Embate de uma bola de bilhar sucessivamente sobre duas outras.

Fonte: Bechara (2011, p. 266)

cangapé (*can.ga.pé*) *s.m.* Pontapé dado na barriga da perna de alguém para derrubá-lo.

Fonte: Bechara (2011, p. 258)

mortal (*mor:tal*) *adj.* **1.** Que está sujeito à morte: *O homem é mortal.* **2.** Que pode levar à morte; que mata; mortífero, letal: *golpe mortal.* **3. fig.** Que traz dissabor e mortificação: *desgosto mortal.* **4.** Oriundo do corpo de pessoa morta: *restos mortais.* **5. fig.** Profundamente arraigado; encarniçado, visceral, fígadal: *ódio mortal.* **6.** Que deseja a morte ou a destruição de outrem: *inimigo mortal.* • *s.m.* **7.** O ser humano; o homem: *Um simples mortal não consegue entender toda a grandeza do universo.*

Fonte: Bechara (2011, p. 880)

pirueta [ê] (*pi.ru:e.ta*) *s.f.* **1.** Volta inteira de uma pessoa sobre si, equilibrando-se na ponta de um pé só. **2.** Cambalhota no ar.

Fonte: Bechara (2011, p. 991)

"Carambela": Nada consta

"Cambalhota" é apresentada como a brincadeira que se gira o corpo descrita no ALiB. Em "carambola", o autor também faz uso das duas entradas: uma para o fruto da caramboleira, outra com as referências ao jogo de bilhar. "Carambela" não é registrado no dicionário.

Diferentemente das obras citadas anteriormente, o *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras* (2011) registra "cangapé". Essa variante, segundo o ALiB foi encontrada em Rio Branco referindo-se à brincadeira, mas é registrada no dicionário como “pontapé dado na barriga da perna de alguém para derrubá-lo”. Em “Mortal”, apesar de 7 acepções, nenhuma refere-se à brincadeira e em “pirueta”, duas acepções: a primeira referindo-se à "volta inteira de uma pessoa sobre si, equilibrando-se na ponta de um pé só" e, na acepção 2, encontramos, apenas, “cambalhota no ar”. Segundo o ALiB, "pirueta" é utilizada em Macapá, mas não há qualquer marca lexicográfica no dicionário.

3.5 RAMOS, Rogério de Araújo (ed.resp.). *Dicionário didático de língua Portuguesa*. 2.ed. São Paulo: SM, 2011

O *Dicionário Didático de Língua Portuguesa* (2011), das Edições SM, apresenta, no texto “Exemplos de uso”, apenas a seguinte informação de como será tratada a variação diatópica: "O local de onde o regionalismo provém é dado por extenso.” (RAMOS, 2011, p. 8). Não há, nos textos iniciais, qualquer outra informação relativa ao tratamento das marcas lexicográficas.

cambalhota <cam.ba.lhø.ta> s.f. Volta que uma pessoa dá no ar ou sobre uma superfície. □ **SIN.** reviravolta, viravolta.

Fonte: Ramos (2011, p. 146)

carambola <ca.ram.bo.la> s.f. **1** Fruto da caramboleira, comestível, em formato de baga, verde e amarelo, doce, levemente ácido e com cinco gomos que, quando cortados ao meio, apresentam formato semelhante ao de uma estrela de cinco pontas. **2** No bilhar, bola vermelha. **3** No bilhar, jogada em que a bola impulsionada toca outras duas sucessivamente.

Fonte: Ramos (2011, p. 155)

mortal <mor.tal> (pl. *mortais*) ■ adj.2g. **1** Que vai morrer: *O ser humano é mortal.* □ **ANT.** imortal. **2** Que ocasiona ou que pode ocasionar morte: *um veneno mortal.* □ **SIN.** fatal, letal. **3** Em relação a uma sensação ou a um sentimento, que são muito fortes, intensos ou de muita gravidade: *um ódio mortal.* ■ s.2g. **4** Ser humano. □ **USO** Na acepção 4, usa-se geralmente a forma plural *mortais*.

Fonte: Ramos (2011, p. 568)

pirueta <pi.ru.ẽ.ta> (Pron. [pirueta]) s.f. **1** Salto em que se dá uma volta no ar: *Pulou do trampolim e deu uma pirueta antes de cair na água.* □ **SIN.** pinote. **2** Movimento rápido que consiste em girar o corpo apoiando um só pé no chão: *A bailarina terminou a coreografia com uma pirueta.*

Fonte: Ramos (2011, p. 646)

Carambola, Cangapé: Nada Consta

O *Dicionário Didático de Língua Portuguesa* (2011) registra, em “cambalhota”, a acepção que faz referência à brincadeira em que se gira o corpo e os sinônimos “reviravolta” e

“viravolta”, diferenciando-se de todos os outros dicionários citados. O ALiB não registra “reviravolta e viravolta” em nenhuma região do Brasil. “Carambola” traz, em uma única entrada, acepção para o fruto da caramboleira e para características do jogo de bilhar. “Carambela” e “cangapé” não são registradas na obra. “Mortal” não faz referência à brincadeira documentada pelo ALiB. Já em “pirueta”, o dicionário registra duas acepções: “salto em que se dá uma volta no ar”, tendo como sinônimo “pinote” e “movimento rápido que consiste em girar o corpo apoiando-se um só pé no chão.” Para nós, a brincadeira documentada pelo ALiB é contemplada parcialmente nas duas acepções, mas não há qualquer marca lexicográfica e o sinônimo apresentado pelo autor não está documentado em nenhuma região brasileira.

Passemos, a seguir, as nossas considerações finais.

4. Considerações Finais

Nosso artigo teve como objetivo verificar a representatividade das variantes de “cambalhota” em dicionários escolares de tipo 3 considerando-se o levantamento realizado no projeto ALiB. O recorte das nossas análises considerou o campo “jogos e diversões infantis”, escolhido aleatoriamente e nossas análises são voltadas, especialmente, para a região denominada Amazônia brasileira.

Retomando o conceito de variação dividido em dois eixos básicos, proposto por Alkmin (2012), “a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática)”, nossas análises demonstraram a falta de critérios, bem como o tratamento dado ao registro das variantes de “cambalhota” em dicionários escolares de tipo 3.

Pudemos verificar vários contrapontos: “cambalhota”, utilizada em todo o território nacional, faz referência à brincadeira documentada pelo ALiB, entretanto as marcas diatópicas são inexistentes nas suas variantes.

Em relação ao que as obras denominam “sinônimos”, também encontramos divergências: o dicionário *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua Portuguesa* (2011) apresenta “cabriola” como sinônimo; o *Caldas Aulete - minidicionário contemporâneo da língua Portuguesa* (2011) “cambota e cabriola”, o *Saraiva Jovem; Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado* (2010), “cambota”, o *Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras* (2011) não apresenta nenhum sinônimo e o *Dicionário Didático de Língua Portuguesa* (2011) apresenta “reviravolta e viravolta”.

Segundo o projeto ALiB, carta L17, a variante “cabriola” registrada no *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua Portuguesa* (2011) e no *Caldas Aulete - minidicionário*

contemporâneo da língua Portuguesa (2011) aparece no item "outras: "aú, cabriola, cambona, cangapé e virar/virando perereca" e está distribuída ao longo do país nas capitais Salvador, Aracaju, Maceió, Fortaleza, Cuiabá e Rio Branco.

"Cambota", segundo o *Caldas Aulete - minidicionário contemporâneo da língua Portuguesa* (2011) e o *Saraiva Jovem; Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado* (2010), é sinônimo de "cambalhota", mas não há qualquer marca lexicográfica. Para o ALiB, é uma variante encontrada em Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Campo Grande, Goiânia, Cuiabá, Fortaleza. "Reviravolta e viravolta" não foram encontradas como variantes de "cambalhota" no projeto ALiB.

Outros inúmeros apontamentos são possíveis: "carambela", variante especialmente utilizada, segundo a carta L17a do ALiB, em Macapá e Belém, não é registrada em nenhum dos dicionários que compõem o nosso *corpus* e "Mortal" também não faz referência à brincadeira registrada pelo projeto e utilizada em Boa Vista. "Cangapé" é registrado apenas pelo *Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras* e não faz referência à brincadeira, que segundo o ALiB, é uma variante utilizada em Rio Branco.

Retomemos a importância do registro das marcas lexicográficas em um dicionário escolar e, de modo especial, as orientações ao aluno consulente de como esse registro será realizado. Nesse sentido, podemos afirmar que, mesmo com as divergências de tratamento encontradas, não podemos questionar a importância dos dicionários escolares no contexto do ensino e aprendizagem da língua Portuguesa, nem tampouco o trabalho de pesquisadores de diversas áreas na construção dessas obras.

Este trabalho apenas suscita a importância da parceria da Lexicografia Pedagógica com as pesquisas realizadas no projeto ALiB, no sentido de trazerem informações geográficas que foram atestadas em um atlas linguístico, além da ação colaborativa, citada em Isquierdo (2007) visando à construção de dicionários escolares mais produtivos e coerentes.

Por fim, o projeto Atlas Linguístico do Brasil, ALiB, é um marco referencial que oferece aos lexicógrafos por meio de um "considerável volume de dados" a possibilidade de construção de dicionários cada vez mais adequados ao público-alvo a que essas obras se destinam, além, é claro de "contribuir para a entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso".

Referências Bibliográficas

- ALKMIN, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2012.
- BECHARA, Evanildo (Org.). *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras*. 3.ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2011.
- BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole. 2004.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula* [elaboração Egon Rangel]. – Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2012.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva *et al.* *Atlas linguístico do Brasil: introdução v. 1*. Londrina: Eduel, 2015. [livro eletrônico]
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva *et al.* *Atlas linguístico do Brasil: cartas linguísticas 1*. v. 2. Londrina: Eduel, 2015. [livro eletrônico]
- FARIÑAS, Luis F. Alzola. *Las Presentaciones de los diccionarios escolares*. Breve historia de un elemento didáctico olvidado por las editoriales, los profesores y los usuarios. *Glosas Didáticas* n.6, 2001, Disponível em: <http://sedll.org/doces/publicaciones/glosas/n6/alzola.html>.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua Portuguesa*. 2.ed. Curitiba: Positivo, 2011.
- GEISER, Paulo (Org.). *Caldas Aulete - minidicionário contemporâneo da língua Portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. V. 3, Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.
- LARA, Luis Fernando. *Teoría del diccionario monolingüe*. México: El Colegio de México, 1997.
- MEIRELES FILHO, João. *O Livro de Ouro da Amazônia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à Sociolinguística*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- PONTES, Antônio Luciano. *Dicionário para uso escolar: o que é como se lê*. Fortaleza: EdUECE, 2009.
- RAMOS, Rogério de Araújo (ed.resp.). *Dicionário didático de língua Portuguesa*. 2.ed. São Paulo: SM, 2011.

SARAIVA, Kandy S. de Almeida & OLIVEIRA, Rogério Carlos G. de. *Saraiva jovem; dicionário da língua Portuguesa ilustrado*. São Paulo: Saraiva, 2010.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2.ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

*Recebido em 30 de outubro de 2018.
Aprovado para publicação em 21 de dezembro de 2018.*